

Contribuições teóricas para a análise dos efeitos diretos e indiretos da migração de retorno nos países subdesenvolvidos

Tiago Carlos Lima do Nascimento¹
Ricardo Ojima²

Resumo: Os processos de reestruturação produtiva e mudanças nos modos de vida e consumo nos países subdesenvolvidos influenciaram diretamente a distribuição espacial da população e também a constituição de novos fluxos migratórios. Estes fluxos, por sua vez, estão se tornando mais complexos, devido ao acelerado processo de transição urbana pelo qual estes países vêm passando. Diante deste contexto de mudanças nos fluxos migratórios, daremos enfoque aos efeitos diretos e indiretos da migração de retorno (referente ao migrante que voltou a residir no local em que nasceu). Devido ao peso que ela representa nos fluxos migratórios atuais, no Brasil, os migrantes de retorno representam 22% e 21,5% nos Censos Demográficos que compreendem os períodos de 1995-200 e 2000-2005 respectivamente. Constituindo assim um importante elemento de análise, mensurar e conhecer os efeitos diretos e indiretos destes migrantes retornados na população. Elencaremos as principais categorias de análise, disponíveis nos Censos Demográficos, que devem ser levados em consideração para se analisar os efeitos diretos e indiretos da migração de retorno. Para isso, colocaremos em discussão a importância da relação dos migrantes retornados, a sua composição familiar e trajetórias de vida. Considerando que o migrante pode modificar a sua composição familiar entre as etapas da migração, destacamos a importância em se analisar os filhos tidos antes do retorno. Assim, exploraremos categorias de análise através de uma perspectiva interdisciplinar, dialogando com temas como trabalho, educação e envelhecimento. Que por sua vez, se destaca como uma consequência mais recente do acelerado processo de transição demográfica na América Latina, sendo um tema recorrente no planejamento de políticas públicas na região.

Palavras-Chave: Migração de Retorno, Família, Envelhecimento.

Abstract: The process of productive restructuring and changes in lifestyles and consumption in developing countries affect directly the spatial distribution of the population, and also the creation of new migration flows. These flows, in turn, are becoming more complex due the accelerated urban transition by which these countries are undergoing . Given this context of changes in migration flows, we will focus on the direct and indirect effects of return migration (referring to migrant who returned to reside at the place where he was born). Due to his representative weight it is on current migration flows in Brazil return migrants represent 22 % and 21.5 % on the Demographic Census on the period of 2000-2005 and 1995-2000 respectively. Thus constituting an important element of analysis to measure and understand the direct and indirect effects of these returned migrants in the population. We will show the main categories of analysis, available on Demographic Census, that should be considered to analyze the direct and indirect effects of return migration. To do this, put in discussion the importance of the relationship of return migrants, their family composition and life courses. Whereas the migrant can modify your family composition between migration steps, we highlight the importance of analyzing the children born before the return. So, we explore categories of analysis through an interdisciplinary perspective, dialoguing with topics such as work, education and aging. Which in turn, stands as a later consequence of accelerated demographic transition in Latin America, with a recurring theme in public policy planning in the region.

*Trabajo presentado en el VI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población, realizado en Lima-Perú, del 12 al 15 de agosto de 2014

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: tiago.tcln@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: ricardo.ojima@gmail.com

Key Words: Return Migration, Family, Aging

1 Introdução

A produção acadêmica sobre a mobilidade espacial da população, no caso brasileiro, é muito vasta, com predominância de textos empíricos. No entanto, a migração necessita ser pensada em seu contexto mais amplo, nos processos sociais e na complexidade que as sociedades vêm passando nas últimas décadas (Brito, 2009).

Para citar o caso brasileiro, podemos observar uma mudança nos paradigmas migratórios. Os tradicionais centros de absorção de população no Sudeste vem perdendo sua capacidade de atração populacional, e os fluxos de população tendem a se mobilizar em direção às cidades médias englobando os mais diversos contextos. O processo de desconcentração urbana vem colaborando para o aumento na diversidade das formas de produção e emprego locais, concomitante ao crescimento dos meios de transporte, do capital e também das pessoas (Marandola Jr, Ojima, 2013). Esses fluxos têm como destaque os municípios do interior do estado de São Paulo e a região Nordeste do Brasil (Rigotti, Vasconcellos, 2005).

Apesar de estarmos experimentando essas novas tendências nos fluxos migratórios, temos ao mesmo tempo, mudanças nas estruturas sociais brasileiras, e a permanência de algumas estruturas arcaicas nestes fluxos. Dentro desse novo contexto do avanço da técnica através do aprimoramento das telecomunicações, ampliação das redes de interação social, flexibilização do mercado de trabalho e sua relação com os novos contextos urbanos, e também a migração de retorno que se generalizou nas grandes regiões metropolitanas (Brito, 2009), constituem-se nas principais categorias de análise para pensarmos as migrações internas dos territórios nacionais modernos.

Dentro desse contexto, faz-se necessário pensar também as abordagens que envolvem as migrações internacionais, onde as desigualdades socioespaciais produzidas fazem com que os indivíduos migrem para outros países, em busca de melhores salários, empregos ou de novos modos de vida. Neste caso, os elementos chave para compreendermos estes fluxos migratórios partem para a análise da diferença entre o capital social dos espaços de migração, as mudanças de idioma, do capital cultural, capital social, diferenças no sistema econômico e nos sistemas educacionais. Que através da mobilidade populacional, podem ser transferidos de forma precária para os espaços de destino migratório (Massey et al, 1993).

Deste modo, as análises sobre migração encontra-se com o desafio de abordar estes diversos elementos e categorias de análise para dar conta de compreender estes fluxos na atualidade de forma processual e em seu contexto mais amplo. Não temos o intuito de esclarecer as bases teóricas dos estudos migratórios neste trabalho, mas consideramos que o esforço acadêmico em problematizar as diversas facetas encontradas pelos migrantes em seus deslocamentos. Assim, poderemos colocar em discussão a migração de retorno, isto é, o indivíduo que

emigrou do seu local de origem e após a experiência migratória, retornou para residir em seu local de origem.

2 A Migração de Retorno

A migração de retorno caracteriza-se em diversas significações. Ela representa o retorno da não adaptação do migrante no local de destino, o fracasso da migração, ou o retorno para casa após uma trajetória de sucesso (Ribeiro, Carvalho, Wong, 1996). Além deste caráter dualista da migração de retorno, os migrantes retornados possuem um importante papel no desenvolvimento dos espaços de migração de forma estruturante. Afetam, também, o processo de travessia de outros migrantes. Deste modo, eles têm a capacidade de oferecer alternativas estratégicas para os deslocamentos dos demais migrantes (Fazito, 2010).

Esta forma de migração vem ganhando maior destaque no período recente. No caso brasileiro, os migrantes de retorno representam 22% dos migrantes no período de 1995 a 2000, e 21,5% dos migrantes no período de 2000 a 2005.

Estes novos fluxos migratórios estão intimamente relacionados às novas formas de produção, crescimento das cidades médias e maior articulação das formas de trabalho no território brasileiro. Isto possui um significado muito especial, visto que a região nordeste do Brasil constituiu-se historicamente como um forte local de emissão de população, e mais recentemente, estes fluxos vêm se alterando. A população nordestina está obtendo uma maior capacidade de retenção de sua população e podemos evidenciar o início da inversão deste fluxo tradicional, ela está passando a receber população, em boa parte, de migrantes retornados.

Considerando a representatividade que a migração de retorno interna vem obtendo no cenário brasileiro e sua capacidade estruturante ao influenciar novos fluxos migratórios, faz-se premente a análise das características sociodemográficas destes migrantes, e também, a estrutura familiar destes migrantes que influenciam de forma objetiva os fluxos migratórios totais. Para isso, faremos uma leitura conceitual dos ciclos de vida destes migrantes que possam colaborar para a análise dos efeitos diretos e indiretos da migração de retorno.

3 Efeitos Diretos e Indiretos da Migração de Retorno

O indivíduo ao migrar, atravessa um conjunto de experiências propiciadas pelas diferenças culturais, econômicas que distinguem os espaços de imigração e emigração. Existem consequências espaciais no ato de migrar (Marandola Jr, Marchiori, 2009) que modificam o migrante através destas novas experiências socioespaciais. Os processos de territorialização e desterritorialização, que através de relações dialéticas, constrói novos territórios e novas identidades (Haesbaert, 2011). Deste modo o migrante ao realizar sua trajetória migratória, e ao retornar ao seu local de origem, trás um conjunto de experiências, conhecimentos e capital

cultural que diferem do seu local de origem, que representam em efeitos diretos e indiretos da migração de retorno.

O migrante ao retornar encontra-se com características sociodemográficas diferentes das que ele possuía quando partiu. Mais envelhecido, ele retorna com maiores experiências profissionais, as quais ele não poderia ter tido no local de origem. Além da capacitação profissional, há também a capacitação educacional e maior perspectivas de rendimentos quando comparado à média da população no local de origem, como é evidente no nordeste brasileiro. É importante destacar que ao nos referirmos ao número de migrantes retornados, estamos nos referindo aos migrantes que sobreviveram aos efeitos da mortalidade e que, possivelmente, constituíram família ou influenciaram pessoas naturais do local para o qual ele imigrou a acompanhá-lo no seu processo migratório de retorno, isto é, ao seu local de origem. Este último grupo não se constitui como migrantes de retorno, mas o seu processo migratório foi diretamente influenciado por esta tendência mais ampla que é a migração de retorno.

Sendo assim, temos os efeitos diretos da migração de retorno, que são os naturais e seus filhos que acompanharam todo o processo migratório, que retornaram ao seu local de origem e lá residem por menos de 10 anos (Ribeiro, Carvalho, Wong, 1996), e acrescentaríamos aqui também o capital cultural adquirido nas experiências migratórias do retornado.

Os efeitos indiretos da migração de retorno, que são os não naturais do local de origem do migrante retornado, mas o acompanham em sua migração de retorno. São os cônjuges, filhos que nasceram durante a migração, outros parentes e não parentes que tem menos de 10 anos de residência no local de origem do retornado (Ribeiro, Carvalho, Wong, 1996).

Para visualizarmos de forma objetiva como estes diversos efeitos se relacionam com os fluxos migratórios, evidenciaremos a importância da perspectiva dos ciclos de vida dos migrantes para entendermos como se constituem e relacionam os grupos sociais nos contextos migratórios.

4 Os Ciclos de Vida

A abordagem sociológica dos ciclos de vida constitui-se num promissor conjunto conceitual para relacionar os problemas sociais em seus diferentes níveis escalares, do micro ao macro, através da análise das interrelações das estruturas sociais (Wingens et al, 2011), e aqui propomos utilizá-lo na análise dos efeitos diretos e indiretos da migração de retorno.

Além das abordagens demográficas mais tradicionais como a idade do casamento do migrante com nativos, e a idade com que nasceram seus filhos com nativos, é importante ressaltar o papel das redes e da família no contexto migratório. Compreender o comportamento do migrante diante das estruturas sociais e os efeitos resultantes de suas ações requer uma pesquisa dos ciclos de vida sociológico destes migrantes para compreendermos seus processos de integração através de uma perspectiva das análises de coorte ou na escala

individual. Deste modo podemos analisar o comportamento das populações agregadas sem perder de vista o comportamento demográfico dos indivíduos (Wingens et al, 2011).

De forma objetiva, a análise através dos ciclos de vida nos permite analisar os indivíduos ou a população agregada através das regularidades sistemáticas por grupos etários dos indivíduos, relacionando as biografias individuais com a dinâmica das estruturas sociais em questão. Para isso, as análises estatísticas dos dados coletados viabilizam a identificação e a problematização dos diversos fenômenos que permeiam os ciclos de vida dos migrantes, as mudanças nas suas trajetórias de vida que nos permitem depreender as suas mudanças demográficas.

5 Ciclos de Vida e Migração

A abordagem sobre os ciclos de vida examina as trajetórias de vida dos indivíduos com o objetivo de explicar a mobilidade destas pessoas. Apesar de que os eventos ocorridos em suas trajetórias de vida são analisados numa escala individual, os padrões nas trajetórias de vida é que se constituem o objeto analítico. Deste modo, podemos entender as mudanças sociais e seus fenômenos (Kulu, Milewski, 2007). Um dos componentes importantes na abordagem dos ciclos de vida está na sua natureza dinâmica que nos permite articular os processos ocorridos com os indivíduos de forma que nos possibilite compreender melhor os processos que envolvem os grupos sociais.

A perspectiva dos ciclos de vida nos permite analisar a migração, isto é, analisar o migrante dentro de contextos demográficos mais amplos, ao invés de simplesmente isolar a migração como um fenômeno isolado. Esta perspectiva nos permite analisar a migração dentro de um contexto histórico, e avançar na compreensão da relação dos migrantes com suas famílias, no comportamento de sua fecundidade, nos processos que motivam a migração, e a sua mobilidade residencial (Kulu, Milewski, 2007). Deste modo, esta abordagem sociológica nos auxilia a articular a migração de forma mais integrada com os outros componentes da dinâmica demográfica, e ainda mais, sugere explicações, causas e efeitos destas relações demográficas.

Considerando que a migração afeta as pessoas em seus locais de partida e destino; e que ela possui características espaciais e temporais, isto é, possui características particulares de um dado período histórico, refletindo as condições sociais e econômicas do período, existem características importantes a serem destacadas. Desse modo, na abordagem dos ciclos de vida, Edmonston (2013) sugere:

- No processo de migração e reemigração, migrantes que realizam outra etapa migratória após a primeira, os estudos dos ciclos de vida nos auxiliam a compreender estes fenômenos através de tópicos referidos como: assimilação, aculturação, adaptação e integração dos migrantes.

- Auxiliar na compreensão dos migrantes que chegam nos novos espaços como crianças. O sucesso relativo da segunda geração de migrantes devido às implicações da integração por longos períodos no processo educacional de crianças de origens diferentes.
- Os efeitos da migração nos espaços de origem. Em casos como a emigração de uma mão de obra muito especializada (“*brain drain*”), artistas talentosos, empreendedores, pessoas com um alto nível de formação educacional, causam fortes efeitos em seus espaços de origem.
- Dentro dessa breve sistematização das relações dos ciclos de vida com os estudos sobre migração, também cabe destacar a seletividade que as pessoas idosas têm em migrar após suas aposentadorias e na escolha do local em que elas querem envelhecer. E o desafio consiste em compreender as estratégias utilizadas para compreender as trajetórias escolhidas por estes grupos etários (Robison, Moen, 2000).
- O uso da perspectiva dos ciclos de vida nos estudos sobre migração possui muito poucos estudos recentes. Em Junho/2010, o *Committee on Migration and Immigration of the Population Change and Lifecourse Strategic Knowledge Cluster*, organizou um workshop na Universidade de Montreal para explorar o valor destas pesquisas nos estudos sobre migração (Edmonston, 2013), dentro desses contextos a abordagem dos ciclos de vida possui uma ampla capacidade a ser explorada para aprofundarmos o significado demográfico do ato de migrar.

Além dos estudos sobre migrantes considerando o tempo de chegada, sexo, idade e país de origem, envolve a análise da seletividade de migrantes sobre um determinado período de tempo, se ocorreram melhoras nas características das coortes de migrantes, ou se ocorreu uma diminuição no nível educacional destes migrantes, o que acarretaria numa seletividade dos migrantes na sua inserção no mercado de trabalho.

6 Os Efeitos da Migração

Uma vez que os efeitos diretos da migração de retorno estão colocados de forma bastante clara na literatura, como sendo os cônjuges, filhos ou outros parentes que realizaram todo o processo migratório (Ribeiro, Carvalho, Wong, 1996), desde a saída do seu local de origem, realizando todas as etapas migratórias até voltarem a residir em seu local de origem. Somando-se a isso o capital humano e o capital cultural adquiridos por estes migrantes, os efeitos diretos da migração de retorno se dão de forma bastante objetiva, mais comumente realizando comparações por grupos etários entre a renda média, número médio de filhos e

grau de escolaridade entre os migrantes retornados, e aqueles que o acompanham, e a população residente no local de retorno.

Nesta análise, daremos enfoque aos efeitos indiretos da migração de retorno, que por ainda não serem profundamente explorados, ainda há um campo muito vasto para análises exploratórias em diversos contextos. Através da leitura dos ciclos de vida, das experiências vividas pelos migrantes, tentaremos depreender os principais elementos que possam contribuir para a avaliação dos efeitos indiretos da migração de retorno, que nos viabilizem pensar os impactos que ocorrem no espaço de origem destes migrantes e como estes processos afetam a sua própria vida.

Nos efeitos indiretos da migração de retorno, são considerados os indivíduos que estabeleceram algum vínculo social com o migrante retornado durante suas etapas de migração, e acompanharam este migrante no seu retorno. Apesar desses migrantes não se encaixarem na categoria de “retornado”, o motivo de sua migração foi causado pelos mesmos motivos macroestruturais que influenciam o retorno dos migrantes.

Ao considerarmos as dificuldades inerentes de se captar os efeitos diretos da migração de retorno nos Censos, pesquisas e surveys; os efeitos indiretos se tornam mais difíceis de serem depreendidos, visto que nem sempre os cônjuges dos migrantes retornados conseguem ser captados nessas pesquisas. Os cônjuges dos migrantes retornados podem estabelecer laços de coabitação, ou os filhos que estes cônjuges tiveram no período antes de coabitarem com o migrante ficariam difíceis de serem identificados nas variáveis de pesquisas mais amplas. Também é importante ressaltar os demais vínculos sociais, de amizade ou compadrio, que o migrante retornado adquiriu durante suas etapas migratórias, e que resolveu migrar junto ao retornado para o seu espaço de origem.

Dentro de uma ampla gama de possibilidades, os efeitos indiretos da migração de retorno precisam ser melhor explorados em suas classificações. Para compreendermos a maior quantidade possível dos efeitos indiretos da migração de retorno, necessitamos de estudos que auxiliem na compreensão dos ciclos de vida dos migrantes retornados dentro de uma escala de análise mais ampla, que através de análises longitudinais, nos auxiliariam a compreender esta relação dinâmica e interativa numa perspectiva temporal (Latcheva, Puzenberger 2011). Através destes estudos longitudinais, poderíamos ter uma perspectiva mais clara dos processos em comum que envolvem os ciclos de vida destes migrantes e pensar nas formas de planejamento público que envolvem esta parcela da população.

Como já foi citado neste trabalho, a migração de retorno no Brasil representa 22% dos migrantes no período referente a 1995 a 2000 e 21,5% no período de 2000 a 2005, de acordo com os Censos do IBGE, tendo destaque a região nordeste, que se constitui historicamente como uma região de forte emigração, e recentemente esta tendência vem se invertendo. Ao levarmos em consideração os possíveis efeitos indiretos destes migrantes, podemos afirmar que o estudo da migração de retorno e seus efeitos indiretos se caracterizam como elementos fundamentais para compreendermos os fluxos de migração atuais no Brasil. E considerando que a América Latina, apesar de haverem heterogeneidades nas diversas formas que

experimentam a transição demográfica, os seus países integrantes compartilham do mesmo processo de transição (Fígoli, Wong, 2002), e por compartilharem de dilemas semelhantes que são discutidos no Fórum Mundial Social e no Fórum de São Paulo (Barnabé, 2013), consideramos que a migração de retorno e seus efeitos indiretos constituem-se num assunto pertinente a ser discutido pelos “migrólogos”.

É importante destacar também que apesar da migração ser considerada por alguns autores como um fenômeno “raro”, quando comparado aos outros elementos que compõem a dinâmica populacional, a migração desempenha um papel estrutural na formação dos espaços de vida da sociedade, e ignorar a participação social dos migrantes que são influenciados pela migração de retorno, podemos estar perpetuando as desigualdades intergeracionais como exploraremos mais adiante.

Cabe destacar também o impacto mais forte dos efeitos indiretos da migração de retorno quando analisamos a migração internacional. Na migração internacional as atividades econômicas da economia local, as condições de emprego, a estrutura educacional são muito diferentes ou pouco se assemelham entre os locais de origem e destino na migração (Massey et al, 1993). Dentro dos contextos de migração internacional, os migrantes se deparam não somente com as diferenças no capital humano, cultural e diferenças de idioma, mas também a diferenças institucionais no sistema de ensino e de trabalho. Estes elementos dificultam o processo de integração do migrante com a sociedade do local de origem (Schittenhelm, 2011).

7 A Migração de Retorno e seus Contextos

7.1 A Segunda Geração

Uma importante categoria a ser pensada nos elementos que compõem os efeitos da migração de retorno é a idade ao migrar. Como os estudos sobre migração estão tradicionalmente focados no trabalho e na diferenciação de salários e modos do trabalho como elementos estruturantes da mobilidade populacional através de uma leitura desenvolvimentista (Harris, Todaro, 1970; Ravenstein, 1885; Lee 1966), necessitamos de mais estudos das populações migrantes que não estão em idade ativa. Neste caso, nos referimos aos filhos dos migrantes que se encontram nos grupos etários mais jovens. Eles não migram sozinhos, portanto, acompanham seus pais no processo migratório. E ao pensarmos nos efeitos indiretos da migração de retorno, cabe-nos discutir sobre os filhos nascidos durante as etapas migratórias do retornado, e que ainda muito jovens, acompanham seus pais quando estes realizam o retorno.

Ao migrar, o indivíduo abandona seu ciclo de vida original para entrar em outro. No caso dos filhos dos migrantes, significa mudar de um sistema educacional para outro. Quando eles migram nas idades mais jovens, torna-se mais fácil a adaptação ao novo sistema escolar, e se for o caso, no aprendizado de outros idiomas. Ao migrar durante a educação primária/secundária, estas crianças necessitarão aprender conteúdos que não eram ensinados nos seus espaços de origem. Através desta análise, foram identificados na Alemanha como o

sistema educacional afeta negativamente os filhos dos migrantes, onde a exclusão social no acesso ao ensino se dava por diferenciais de idade das crianças. (Söhn, 2011).

No caso de jovens adultos ao realizarem a migração cruzando a fronteira entre países, sua inserção num sistema educacional em nível superior pode ser prejudicada pela sua maior dificuldade que as crianças mais jovens tem em aprender um novo idioma. Além das diferenças existentes na estrutura do processo no qual estão inseridos e nas diferenças dos processos seletivos necessários para ingressar no ensino superior. Como consequência, os filhos destes migrantes (sendo filhos de migrantes retornados ou não), terão mais dificuldades em ingressar no mercado de trabalho. Podendo levar os filhos dos migrantes ao abandono escolar, e sua consequente participação nas atividades de menor remuneração, como foi evidenciado na Alemanha, onde os jovens com antecedentes de migração apresentavam mais dificuldades que os jovens nativos ao se inserirem no mercado de trabalho ou no acesso a uma educação em nível superior (Aybek, 2011).

Cabe-nos realizar uma reflexão demográfica sobre as necessidades geradas do sistema educacional para atender os filhos destes migrantes, e que políticas públicas participativas podem envolver estes respectivos grupos etários para auxiliar sua integração na sociedade receptora e suas transições dentro do contexto da América Latina.

Além das desigualdades sociais, econômicas e espaciais existentes nos países de industrialização tardia, cabe ao demógrafo analisar estas desigualdades através de análises intergeracionais, isto é, analisar as diferentes formas com que as diferentes gerações são capazes de se integrar em contextos sociais.

No período atual, o avanço da técnica e das novas formas de produção, o avanço tecnológico nos meios de transporte e comunicação marcam novas configurações sociais e territoriais em processos de integração numa escala global (Santos, 2009; Harvey, 2010; Giddens 1991), que são processos que intensificaram a migração e a mobilidade populacional. Desse modo, os jovens que acompanham estes migrantes são expostos a um maior conjunto de fragilidades devido a essa mobilidade mais intensa que experimentamos nas últimas décadas.

7.2 Família

Neste contexto de migração internacional onde o pai e/ou a mãe, junto com filhos, dependentes, adolescentes, demandam mudanças nas concepções tradicionais que unem família e lugar, e também, interpretações que permitam novas análises da família, das escolas, das instituições sociais sem associar estritamente com as consequências da migração parental, considerando também as situações de orfandade, abandono, uso de drogas, deserção escolar e outros riscos que estão sujeitos as crianças e os adolescentes (Montaño, Saray, 2013).

Deste modo, os estudos sobre família colaboram com os estudos migratórios para compreendermos as mudanças nos estilos de autoridade, de comunicação familiar e de tomada

de decisões. A existência de lugares multinucleares, a composição de familiares dispersas e fragmentadas no território, sua desterritorialização entre as diversidades e distâncias que habitam seus integrantes (Montanõ, Saray, 2013; Haesbaert 2011).

Assim, faz-se premente análises dos ciclos de vida das famílias dos migrantes para compreendermos não somente as redes sociais estabelecidas, concomitante aos vínculos sociais mantidos com a família dentro desses novos contextos de modernidade.

7.3 Envelhecimento

O envelhecimento demográfico, nos países da América Latina, é um fenômeno recente. Isto se deve a um conjunto de vários processos demográficos: a diminuição da fecundidade, o aumento da esperança de vida e no caso de alguns países como o Uruguai, dos processos emigratórios, mais especificamente os fluxos emigratórios ocorridos após a segunda metade do século XX (Paredes, 2013). Constituindo o envelhecimento populacional um tema pertinente para ser feita uma discussão com os efeitos diretos e indiretos da migração de retorno, e também nos contextos mais amplos da migração.

Em estudos já realizados apontam fluxos migratórios, composto em sua maioria por mulheres, no setor doméstico do cuidado de idosos neste período da transição demográfica chilena (González, 2013). Diante destes múltiplos contextos, o envelhecimento populacional é um tema pertinente nas discussões futuras sobre migração. Considerando o grande declínio da fecundidade esperado nas projeções, padrões de casamento mais tardios combinados com uma maior escolaridade feminina e inserção de melhor qualidade no mercado de trabalho, são reflexões necessárias para o planejamento de políticas públicas (Rios Neto, 2000).

Cabe-nos então pensar a influência que estas modificações causadas pela queda da fecundidade terão nos padrões migratórios e nos ciclos de vida dos migrantes. A maior participação efetiva de idosos no contingente populacional pode causar novos tipos de migração, como migrações de retorno de idosos, uma vez que encontram-se aposentados, e com uma maior capacidade de renda e mobilidade, eles podem retornar aos seus espaços de origem (Robison, Moen, 2000). Em outra mão, procurando por novas formas de habitar, novos modos de vida e de experimentar o espaço, eles podem migrar para espaços onde julguem que a qualidade de vida seja melhor. Isto caracteriza o aumento da mobilidade populacional interna nos grandes centros urbanos, o crescimento no número de condomínios fechados e de áreas de habitação mais distante destes grandes centros (Ojima, Marandola Jr, Pereira, Silva, 2010).

Além da capacidade de dispersão desta população idosa que está em crescimento, destaca-se também a importância de pensarmos no envelhecimento dos pais de migrantes, destaco também os pais dos cônjuges de migrantes retornados, que ao envelhecerem necessitarão de

cuidados. Dentro do contexto multiterritorial das famílias migrantes, é relevante pensar também as estratégias elaboradas por estas famílias em seus ciclos de vida que propiciem o melhor cuidado destes idosos. Isto pode significar também a migração destes idosos em direção aos locais onde se encontram seus parentes, ou ser um dos motivos da migração de retorno (Robison, Moen 2000).

Considerando que a maioria dos países da América Latina e o Caribe, possuem taxas de fecundidade que se encaminham rapidamente para abaixo do nível de reposição, onde destaca-se a importância das ferramentas de análise demográfica que contribuem para o planejamento de políticas públicas e selecionar os modelos mais apropriados para cada país (Pardo, Varela, 2013).

Faz-se assim necessário compreender a relação que as famílias migrantes possuem com os membros mais idosos de seus núcleos familiares para mensurarmos os reais efeitos da migração e suas estruturas sociais e demográficas que influenciam estes movimentos no mundo hodierno.

8 Considerações

Através desta análise buscamos destacar a importância da análise dos ciclos de vida, as relações sociais e familiares, assim como suas transições para compreendermos os reais efeitos da migração de retorno em sua totalidade. Considerando as dificuldades estatísticas de capturarmos estes efeitos, destacamos a importância do uso de um conjunto de variáveis o mais amplo possível, que o pesquisador julgar pertinente, para desvelar as transições e dificuldades encontradas pelos grupos migrantes. A análise das transições na vida dos migrantes, nos permite identificar os padrões em seus modos de vida que nos auxiliem a compreender os padrões demográficos desta população, e mais especificamente, entender os motivos que levam os indivíduos a migrar numa relação processual entre: o meio em que ele está envolvido, suas relações familiares, seus padrões de envelhecimento e a forma como ele e seus parentes se reproduzem socialmente, com foco nos seus estudos e trabalho.

No contexto das migrações de retorno, a análise através dos ciclos de vida destes migrantes nos auxilia a compreender o seu caráter polissêmico e a elaborar um framework que sistematize as principais abordagens e fenômenos ocorridos nas diferentes relações que podem se estabelecer na migração de retorno, mais que uma resposta, a abordagem dos ciclos de vida nos auxilia a identificar as discussões necessárias para se compreender este processo. É importante destacar também que: apesar de muitas vezes utilizarmos o termo “efeitos indiretos da migração de retorno”, consideramos também que muitos destes processos são aplicados a qualquer tipo de migração. Isto se deve a natureza dialética da própria migração de retorno. Considerando que ela não existe como um fenômeno isolado, mas faz parte de um processo de mobilidade populacional no qual se relacionam migrantes, sejam eles retornados ou não.

A abordagem dos ciclos de vida possui importantes colaborações a ser feitas nos estudos sobre migração no Brasil. Considerando que a migração de retorno é um elemento essencial para compreendermos os fluxos migratórios internos brasileiros, esta abordagem pode auxiliar a elucidar o real impacto dos efeitos indiretos da migração de retorno através de uma análise mais estreitamente relacionada com os outros componentes da dinâmica demográfica e fatores que o afetam.

Para obtermos essa compreensão dos processos migratórios de forma mais integrada aos estudos demográficos dentro de uma perspectiva social mais abrangente, faz-se necessário aprofundar nosso conhecimento da rotina dos migrantes, isto é, compreender os processos ocorridos na escala individual para partirmos para a análise dos grandes grupos. Identificar as suas características demográficas em comum e suas etapas migratórias, como são formadas suas composições familiares e que relações eles estabelecem com elas. Os padrões de fecundidade dos migrantes nos permite identificar a formação dos grupos mais jovens e colocar em discussão os efeitos que o envelhecimento populacional terá nos fluxos migratórios.

Deste modo, para realizarmos a análise dos efeitos indiretos da migração de retorno, destacamos como elementos norteadores as relações destes migrantes com suas famílias, mais especificamente com os grupos etários extremos, os mais jovens e mais idosos.

Referências:

Barnabé, Israel Roberto. (2013), “Política externa brasileira e integração sul-americana”, Panel apresentado no XXIX Encontro da Associação Latino Americana de Sociologia (ALAS), Santiago, Chile, 29 de Setembro a 4 de Outubro.

Brito, Fausto (2009), “As migrações internas no Brasil: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes”, Trabalho apresentado no VI Encontro Nacional sobre Migrações da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), Belo Horizonte - MG, Brasil, 12 a 14 de Agosto.

Edmonston, Barry. (2013), “Lifecourse perspectives on immigration”, em *Canadian Studies in Population* 40, Vol. 1-2.

Fazito, Dimitri (2010), “Análise das redes sociais e migração: dois aspectos fundamentais do “retorno”, em *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, Vol. 25, Nº 72.

Fígoli, Moema G.B. Wong, Laura L.R. (2002), “O processo de finalização da transição demográfica na América Latina”, Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), Ouro Preto – MG, Brasil, 4 a 8 de Novembro.

Garcia, Ricardo Alexandrino. Ribeiro, Adriana de Miranda. (2005), “Movimentos migratórios em Minas Gerais: efeitos diretos e indiretos da migração de retorno- 1970-1980, 1981-1991, 1990-2000”, em *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, São Paulo, Vol. 22, Nº 1.

González, Elaine Acosta. (2013), “‘Dan mucho más de lo que reciben’. Mujeres migrantes cuidadoras em flujos migratorios sur-norte y sur-sur: Expectativas, experiencias y valoraciones”, Trabalho apresentado no XXIX Encontro da Associação Latino Americana de Sociologia (ALAS), Santiago, Chile, 29 de Setembro a 4 de Outubro.

Giddens, Anthony. (1991), “As consequências da modernidade”, São Paulo: UNESP.

Haesbaert, Rogério (2011), “O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Harris, John R. Todaro, Michael P. (1970), “Migration, unemployment and development: A two-sector analysis”, em *The American Economic Review*, Vol. 60, Nº 1.

Harvey, David. (2010), “Condição pós-moderna”, São Paulo: Edições Loyola.

Kulu, Hill. Milewski, Nadja. (2007), “Family change and migration in the life course: An introduction”, em *Demographic Research*, Germany, Vol. 17.

Lee, Everret S. (1966) “A theory of migration”, em *Demography*, Vol. 3, Nº 1.

Marandola Jr, Eduardo. Gallo, Priscila Marchiori Dal (2009), “Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração”, Trabalho apresentado no VI Encontro Nacional sobre Migrações da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), Belo Horizonte – MG, Brasil 12 a 14 de Agosto.

Marandola Jr, Eduardo. Ojima, Ricardo (2012), “Mobilidade populacional e um novo significado para as cidades: dispersão urbana e reflexiva na dinâmica regional não metropolitana”, em *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, São Paulo, Vol. 4, Nº 2.

Massey, Douglas S. Arango, Joaquin. Hugo, Graeme. Kouaouci, Ali. Pellegrino, Adela. Taylor, Edward J. (1993), “Theories of international migration: A review and appraisal”, em *Population and Development Review*, Vol. 19, N° 3.

Montaño, Luz María López. Saray, Germán Darío Herrera. (2013), “Globalización, migración internacional y familia: una lectura desde los estudios de familia”, Panel apresentado no XXIX Encontro da Associação Latino Americana de Sociologia (ALAS), Santiago, Chile, 29 de Setembro a 4 de Outubro.

Ojima, R. Marandola Jr, E. Pereira, R. H. M. Silva, R. B. O. (2010), “O estigma de morar longe da cidade: repensando o consenso sobre as cidades-dormitório”, em *Cadernos Metrópole*, São Paulo, Vol. 12.

Pardo, Ignacio. Varela, Carmem. (2013), “La fecundidad bajo el reemplazo y las políticas familiares em América Latina y el Caribe: qué puede aprenderse de La experiencia europea”, em *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, Campinas, Vol. 30, N° 2.

Paredes, Mariana. (2013) “Políticas públicas y calidad de vida de las personas mayores desde una perspectiva de género: El caso uruguayo”, Trabalho apresentado no XXIX Encontro da Associação Latino Americana de Sociologia (ALAS), Santiago, Chile, 29 de Setembro a 4 de Outubro.

Ravenstein, E. G. (1885), “The laws of migration”, em *Journal of Statistical Society of London*, Vol. 48, N° 2.

Ribeiro, José Teixeira Lopes. Carvalho, José Alberto Magno de. Wong, Laura Rodríguez, (1996), “Migração de retorno: Algumas possibilidades de mensuração”, Trabalho apresentado no X Encontro Nacional de Estudos Populacionais (ABEP).

Ribeiro, José Teixeira Lopes. Carvalho, José Alberto Magno de. Wong, Laura Rodríguez, (1996), “Efeitos demográficos da migração de retorno: uma proposta metodológica”, Trabalho apresentado no X Encontro Nacional de Estudos Populacionais (ABEP).

Rigotti, José Irineu. Vasconcellos, Idamila Renata Pires (2005), “Uma análise espacial dos fluxos populacionais brasileiros nos períodos 1986-1991 e 1995-2000”, Trabalho apresentado no IV Encontro Nacional sobre Migrações da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), Rio de Janeiro – RJ, Brasil, 2005.

Rios Neto, Eduardo Luis Gonçalves. (2000), “Passado, presente e futuro da fecundidade, uma visão de idade, período e coorte”, em *Revista Brasileira de Estudos da População*, Campinas, Vol. 17, N° 1/2.

Robison, Julie T. Moen, Phyllis. (2000), “A life-course perspective on housing expectations and shifts in late midlife”, em *Research on Aging*, Vol. 22, N° 5.

Santos, Milton. (2009), “A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção”, São Paulo: EDUSP.

Wingens, M. Windzio, M. de Valk, H. Aybek, C. (2011), “A life-course perspective on migration and integration”. London, New York, Springer.